

ENTREVISTA | CLEBER EDUARDO | CURADOR DA MOSTRA DE CINEMA DE TIRADENTES

Educando o público

Realizada entre os dias 22 e 30 do mês passado, a Mostra de Cinema de Tiradentes é um dos principais espaços para os novos realizadores do cinema nacional. Na entrevista a seguir, o crítico e realizador Cleber Eduardo, curador da Mostra há quatro anos, fala um pouco sobre o evento, a proposta de seleção dos filmes e sua função como curador, destacando a importância de se educar o público para filmes que têm como objetivo incomodar. Cleber opina ainda sobre a nova safra de filmes cearenses e o espaço que a Mostra abre para a crítica

FÁBIO FREIRE
Repórter

Qual o papel de um curador em uma Mostra de Cinema? Como foi a seleção dos filmes da Mostra esse ano e qual o direcionamento dado?

Esse papel de curador está começando agora no Brasil. O que sempre existiu foi comissão de seleção, que muda todo ano. Quando me convidaram para fazer esse papel de curador na Mostra de Cinema de Tiradentes, eu propus que o processo de seleção tivesse o maior nível de transparência possível, o maior nível de responsabilidade assumida pela curadoria. E que o festival tivesse uma imagem, um perfil, uma circunscrição de qual era o lugar dele entre tantos festivais de cinema hoje no Brasil. O primeiro papel que faço aqui é escolher os filmes que serão exibidos. Faço essa escolha baseada em um critério extremamente questionável, reconhecimento, que é o de valorização estética. O que eu procuro fazer é tentar entender qual é o cinema estamos fazendo hoje, em todas as suas multiplicidades de opções e de que forma ele reflete e reage ao seu tempo histórico, ao mundo hoje. O que eu procuro é tentar encontrar possíveis relações entre os filmes de modo que eles possam, em conjunto, e não só especificamente, dizer alguma coisa das nossas sensibilidades e preocupações atuais.

Por que o tema Paradoxos do Contemporâneo?

Em relação ao tema, o mais importante dessa combinação, na verdade, é o paradoxo. O contemporâneo é a inevitabilidade de se fazer um festival em 2010, com filmes de 2009. Qualquer coisa que eu exiba na Mostra é contemporânea. O que não me satisfaz é me acomodar nesse rótulo, simplesmente dizer o que é o contemporâneo. O que a gente coloca é a questão "o que é esse contemporâneo?". E eu não estou esperando que essa resposta seja uma só. Mas também não me contento com a noção de que ele pode ser tudo ou de que ele é diverso. O que me interessa é: "se ele é diverso, ele é diverso em quê?". Vamos tentar mapear e circunscrever isso. Ele está apontando para quais direções. O que a gente tenta colocar em discussão aqui é justamente isso: "Tá, é contemporâneo! Agora, como somos contemporâneos? E o que isso diz desse momento e do cinema que estamos fazendo?". A Mostra de Cinema de Tiradentes é uma oportunidade de nos reunirmos e tentar discutir o que é que está se fazendo nessa tão diversa e abstrata contemporaneidade. O que tem que ser frisado é que eu não encaro e a gente não pensa essa programação como uma comemoração, uma celebração, um festejo e uma legitimação do cinema contemporâneo, e sim como uma reflexão crítica sobre ele.

Para onde essa seleção está apontando o cinema nacional atual? Que caminho que ele está seguindo e se podemos falar

que ele está buscando uma identidade própria?

Eu acho que o cinema brasileiro aponta para muitos caminhos. Temos segmentos um pouco mais fortes que chamam a atenção durante alguns anos. Mas hoje as coisas são muito rápidas. Esse segmento pode chamar a atenção por três ou quatro anos e, de repente, ser descartado e já vir uma nova frente de filmes com outras características. O que eu acho é que existe uma constância, nos curtas e nos longas, de diferentes maneiras e por diversas razões, no sentido de exalar algum nível de mal-estar: social, subjetivo etc. Com algumas exceções, que podemos contar nos dedos, esses filmes lidam com crises de situações e personagens que não são solucionadas e solucionáveis pela perspectiva dos filmes. Desde obras muito cétricas e, às vezes, nihilistas em relação ao que mostram, a outras que são um pouco menos, acho que, no geral, essa é uma característica que tem pautado a dramaturgia que estamos fazendo. Se você for pensar uma dramaturgia convencional americana, existe uma certa regra: o mundo dos personagens é ameaçado por alguma coisa, os personagens irão lutar dentro desse mundo ameaçado e depois conseguem, de alguma forma, se impor e apontar para um caminho melhor ao final. A dramaturgia brasileira no cinema tem uma dificuldade para encontrar esse caminho melhor. O que se vê é uma permanência de mal-estar e de crise, independente de estilo ou tipo de filme. Isso é uma constância no cinema brasileiro, então não é exatamente uma novidade. Eu não diria que, nesse conjunto, a gente tem um cinema brasileiro buscando uma identidade própria. O que eu sinto é que os realizadores mais interessantes, e os filmes que estamos selecionando para a Mostra Tiradentes - e aí eu acho que isso norteia esse anos todos - são os que tentam procurar uma forma de se organizar narrativamente mais incomum e livre, sem querer pegar atalhos para agradar o espectador, muitas vezes provocando-o e desafiando-o. Não existe essa obsessão de ser amado a qualquer custo, mas sim de "eu me expresso dessa maneira, você me aceita?". O que orienta a programação é muito isso.

Você acha que o público está preparado para esse tipo de filme que não busca entretenimento, mas sim, de alguma forma, causar um incômodo?

FRASES

“O primeiro papel que faço é escolher os filmes que serão exibidos”

“‘Estrada para Ythaca’ leva para o longa um modelo de curta-metragem”

CLEBER EDUARDO
Curador da Mostra de Cinema de Tiradentes



CINEMA CEARENSE: “Há uma efervescência incrível hoje nessa nova geração de Fortaleza muito voltada para um cinema mais experimental” FOTO: ALEXANDRE C. MOTA

Eu acho que o público tem que ser preparado, e é o que estamos fazendo durante quatro anos. Se eu for ver a reação do público aos filmes da Mostra Aurora [que exibe longas-metragens de jovens realizadores], por exemplo, o número de pessoas que fica na sala até o final demonstra uma evolução nesses últimos quatro anos. Um das funções da curadoria é, ano a ano, ir preparando o público. Eu acompanho muito outros festivais, e o público de Tiradentes, hoje, tem um nível de generosidade com os filmes bem maior do que em relação a outros. A Mostra Aurora é onde a gente castiga mais... (risos) É a nova geração. Eles se expressam dessa maneira mesmo e não é nenhuma questão de opção. Entre os 80 filmes de diretores muito jovens que assisti para selecionar a programação da Aurora, eu não tinha obras fáceis. Eu só tinha filmes complicados na relação com o público. O que eu fiz foi escolher os que possibilitavam trazer um debate que rendesse e que as pessoas saíssem se questionando que filmes assistiram em um sentido positivo e não de recusa.

Você estava falando de uma constância na produção de curtas e longas. Existe um equilíbrio, não em termos de quantidade, mas de qualidade, de proposta estética entre os curtas e longas nacionais?

Eu acho que o segmento de filmes em longa verdadeiramente

interessante e ousado e que tem uma coragem de buscar uma originalidade é muito menor do que nos curtas. Nos curtas, o volume de produções interessantes é maior significativamente do que nos longas. Nem estou dizendo que a seleção de curtas da Mostra é a melhor, e que essa geração de curta-metragistas ao chegar ao longa vai revolucionar o cinema brasileiro. Eu até acho que se dez deles chegarem ao longa simultaneamente, no mesmo ano, acho que daremos um salto. O que é preciso é que esses realizadores de curtas cheguem logo ao longa-metragem, enquanto estão nesse frescor e pegada. Se eles ficarem muito tempo realizando curtas, esses realizadores vão chegar ao longa já querendo apostar no certo, porque é preciso levantar dinheiro, ser aprovado em um edital, arredondar mais o projeto, convencer um produtor a entrar, conseguir um distribuidor... Eu acho que essa vitalidade dos curtas é possível porque é mais fácil fazer, sem precisar recorrer a festival, dá para fazer de uma forma jovem, com vivacidade, em turma. Por exemplo, uma das grandes importâncias do “Estrada para Ythaca” [longa cearense dirigido por quatro jovens realizadores e vencedor dos prêmios do Júri da Crítica e do Júri Jovem], é que ele leva para o longa um modelo de curta: não existe dinheiro, mas os diretores têm um carro, um monte de bebida e fazem tudo no filme... É um curta. Só que é

um curta que eles montaram como um longa, com uma hora e dez. Mas é um modelo de curta. Não estou dizendo que é o único caminho possível, mas é uma alternativa para se fugir um pouco desse “esqueminha” muito formatado e viciado dos diretores mais antigos.

Falando em “Estrada para Ythaca”, foram nove filmes do Ceará selecionados (um longa e oito curtas) e o cearense Karim Aïnouz foi o homenageado desta edição. Isso foi uma coincidência ou uma coisa puxou a outra? Você tem acompanhado essa nova produção cearense?

Foi uma coincidência, não pensamos em uma invasão cearense... (risos) Dois anos atrás já tinha tido um volume absurdo de filmes cearenses, com dois longas: “Sábado à Noite”, que ganhou o prêmio do Júri Jovem, e “O Grão”, do Petrus Cariry, além de curtas. Mas aí no ano seguinte não tinha nenhum longa e poucos curtas. Depende dos filmes, da safra. Eu tenho um acompanhamento à distância desses filmes. Não vou à Fortaleza há muito tempo, mas conheço as pessoas, vejo os filmes em outros festivais. O que eu acho é que há uma efervescência incrível hoje nessa nova geração de Fortaleza muito voltada para um cinema mais experimental. Só acho que isso não pode virar uma fórmula, porque senão eles começam a se repetir e a se acomodar. Acho que esse é o momento em que eles estão começando a entrar nisso e, portanto, precisam pensar em tentar se reciclar e a propor novos desafios. Como essa nova geração faz tudo muito “em galera”, são todos muito amigos, há um certo perigo de todos estarem fazendo coisas muito parecidas. E isso pode ser prejudicial a curto prazo para essa produção: não se estabelecer mais as diferenças por realizadores e por filmes, mas vir com uma certa rótulo estigmatizante como “o cinema experimental do Ceará”. Eles estão nesse limite, que é bem perigoso.

Em relação ao espaço destinado à crítica pela Mostra, qual a proposta dessa interação entre críticos e realizadores, contribuir para uma modificação de uma visão um tanto estereotipada que um tem do outro?

A ideia é que a crítica sirva para o realizador de alguma forma. A Mostra de Tiradentes tem sido muito frutífera nesse sentido. Já é o quarto ano que abrimos espaço para a crítica. Talvez seja o festival que traga mais críticos. É o espaço que tem o maior número de críticos reunidos, sem uma segmentação viciada de cobertura de festival. Aqui a gente traz uma nova geração, damos uma arrejada nessa discussão, que, assim, cresce e se amplia. Aqui, a renovação dos realizadores acompanha a renovação da crítica. ■

FIQUE POR DENTRO

ESCOLHAS DO JÚRI

A MOSTRA DE Cinema de Tiradentes, em Minas Gerais, chegou a sua 13ª edição e, durante nove dias, apresentou um pequeno panorama da atual produção do cinema nacional. Foram mais de 100 filmes exibidos, entre curtas e longas. O filme cearense “Estrada para Ythaca”, de Pedro Diógenes, Guto Parente e dos irmãos Luiz e Ricardo Pretti, ganhou os prêmios do Júri da Crítica e do Júri Jovem. Na categoria curta-metragem, o melhor curta escolhido pelo Júri Popular foi “Recife Frio” (PE).

SERGIOSCOLEÇÃOVERÃO



SERGIO'S

Shopping Aldeota - 3261.5184

Shopping Avenida - 3264.9449

Shopping Iguatemi - 3241.8260